

A Grande Guerra (1914-1918). O SPC do Corpo Expedicionário Português e as comunicações militares

Isabel Varão

O Corpo Expedicionário Português (CEP) foi o nome atribuído ao conjunto de unidades militares com intervenção no teatro de operações europeu durante a Grande Guerra. A Portugal coube, além do esforço bélico nas planícies da Flandres, o envio de avultados contingentes para África – Angola e, sobretudo, Moçambique – mesmo antes da declaração de guerra pela Alemanha em março de 1916.

Foram mobilizados cerca de 57 000 portugueses, em levadas sucessivas, que ocuparam a zona de Aire-sur-la-Lys, sob o comando geral inglês. Guerra muito dura marcada não tanto pelos confrontos, que eram sobretudo de artilharia, mas sim pelo afundamento nas trincheiras, no meio da lama, do nevoeiro, dos gazes sufocantes, de clima inclemente que destruía o físico e o moral das tropas.

Mal preparados do ponto de vista militar e físico, mal saídos dos campos portugueses para o desconhecido, enfrentando a morte ou a doença (no total contaram-se 1938 mortos, 5198 feridos e 6969 prisioneiros ou desaparecidos) era vital para estes contingentes a existência de um serviço de correio.

Assim o entenderam as autoridades militares que promoveram a criação do Serviço Postal de Campanha (SPC) encarregado de gerir a correspondência recebida e enviada pelos militares do CEP, tanto oficial como particular. Obedecendo em termos de disciplina militar ao comando britânico e nos aspetos técnicos à Administração-geral dos Correios e Telégrafos, teve como sede instalações em Boulogne-sur-Mer que serviu de centro nodal para o envio e receção das malas postais que seguiam através dos serviços da Administração Francesa de Correios e Telégrafos, por via terrestre em trânsito por Espanha. Comportava, no total, vinte e duas estações postais e movimentou uns impressionantes 33 milhões de objetos postais, entre correspondências e encomendas e 98 500 malas entre 1917 e 1918.

«Vibra a linha inquieta em torno deles, crepitam-lhes aos ouvidos as espingardas e as Lewis, soam as detonações abafadas das pistolas *very-lights*, estrugem os morteiros inimigos que abalam a toca e a põem de esguelha muita vez. E o pobre alicate enclausurado, atento à receção, pronto à transmissão... ... fica ali horas, enquanto a chuva lhe alaga o esconderijo.» ¹

Estas vívidas palavras descrevem o quotidiano do pessoal das transmissões telegráficas e telefónicas no teatro de guerra. Além destes meios, as comunicações de cariz estritamente militar serviam-se também dos sinais de *very-lights* ou ainda dos pombos-correios quando todos os outros recursos falhavam.

De Joaquim dos Santos Andrade, poeta popular algarvio, prisioneiro depois do desastre de la Lys e sobrevivente da guerra, reproduzimos a evocação dos sentimentos de um soldado perante a incerteza do seu futuro:

Mas sempre há uma esperança
É nessa crença que eu vivo
Porque não vejo nenhum motivo
De morrer assim criança,
A saudade é uma lança
Que risca o espaço de prata
Oh! Que vida tão ingrata
Estou próximo da sepultura
E vivendo na amargura
Vou responder à tua carta!... ²

1. BRUN, André – *A Malta das Trincheiras: Migalhas da Grande Guerra. 1917-1918*. Lisboa: Guimarães, 1919, pp. 93-94.

2. TELO, António – «A República e as Forças Armadas (cont.)» in *História de Portugal* (vol. XV), dirigida por João Medina. Amadora: Ediclube, 2004, p. 650.

Ao lado: Pormenor do desenho a carvão executado no local dos confrontos de La Lys por Humberto da Cunha Serrão (arquivo iconográfico da FPC).